

Oferta

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculoDE SANTA
RITA

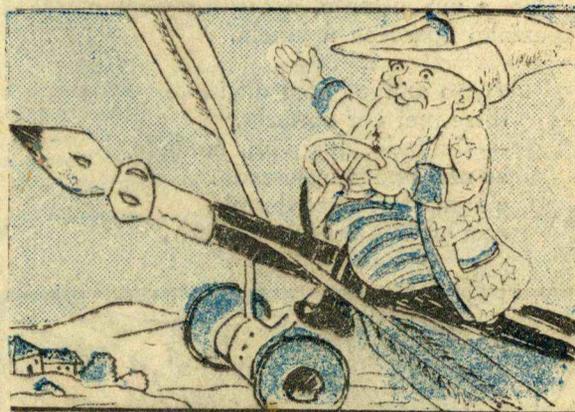
OS AFAZERES DO ANÃO SABICHÃO

Por ANÃO SABICHÃO

— Um Anão que é estudioso
e goza e quer divertir,
não pode ser preguiçoso,
não tem pois mãos a medir. —

Assim eu ia cantando, enquanto conduzia o
meu avião sem motor aos vários sítios que me
reclamavam.

Fui a uma quinta, onde vive a minha amiga
Clarinha. Gostei muito de a vêr tão interessada
pelas galinhas e pintos que está criando.



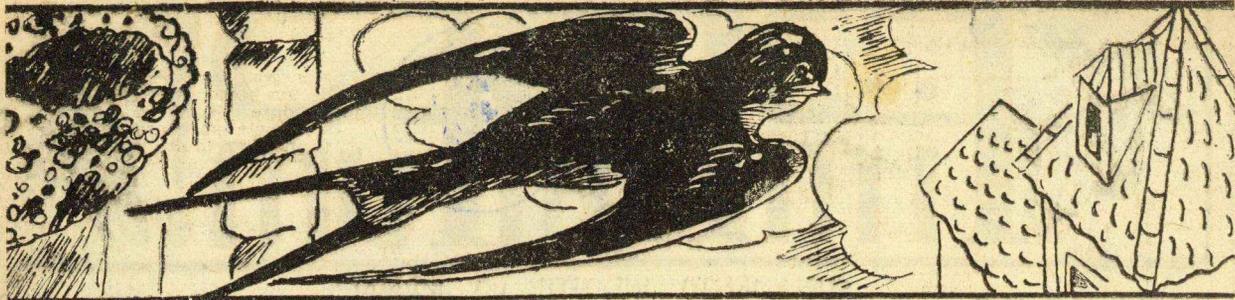
Recomendei-lhe, logo, que não pusesse ver-
dura no chão das capoeiras e a pendurasse antes
num cordel, a uma certa altura, para evitar que
a criação engulisse micróbios que rastejam.

E se por acaso alguma galinha lhe apareces-
se com piolhinho, não se esquecesse de fazer
uma cova e a enchesse tôdas as semanas com
cinza, enxôfre e cal, tudo passado por uma
peneira.

As galinhas revolvem-se nisto, o que para o
piolhinho é morte certa.

A amiga Clarinha ficou muito contente com





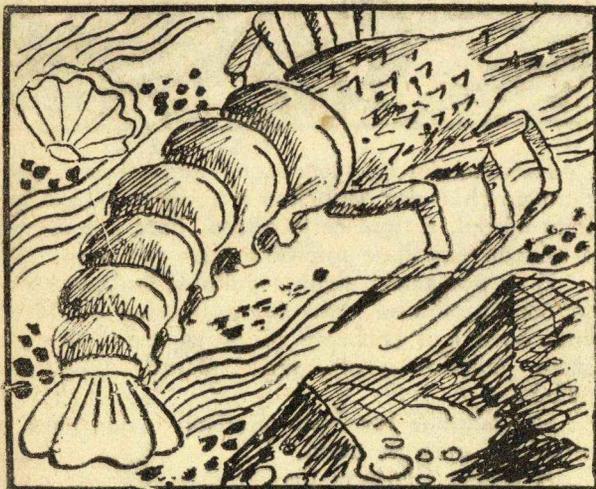
êstes conselhos e eu tratei de me dirigir para casa do Joaquim, um madraço que ainda dormia, a sono solto, e que era preciso acordar.

Atirei-lhe pedrinhas á vidraça da janela e cantarolei:

— Já te esperam na escola,
com os livros na sacola,
toca, pois, a levantar
que são horas de estudar. —

Daí a um instante, a carita estremunhada do rapazinho apareceu á janela.

Anão amigo, bom dia! —
disse-me, cor cortezia.
— Cuidado, Joaquim, cuidado,
se não andas apressado,
e assim te deixas dormir,
sem os teus deveres cumprir,



com êste Anão Sabichão,
te hás-de haver, mandrião! —
— Eu vou já para a escola,
com os livros na sacola,
espera aí um bocadinho,
que eu vou contigo, Anãozinho! —

exclamou o Joaquim, cheio de bôa vontade de me agradar.

Pouco tempo esperei por êle e lá o levei para a escola, depois de ouvir da sua bôca a promessa de nunca mais se levantar fóra de horas, para não faltar á abertura das aulas.

Nada, nada! que o Joaquim tinha um certo mêdo de ver o seu nome escarrapachado em letra redonda no «Pim-Pam-Pum», como um exemplar de mandriíce.

Mal o larguei, ouvi um piar desabalado, ali perto.

Fui logo indagar do que se tratava.

Vi uma senhora andorinha no beiral dum telhado e os seus pios aflitivos queriam dizer:

— Quero construir meu ninho
com destrêza e com carinho
mas sou uma ignorante,
ando p'ra trás, p'ra diante,
e não sei fazer mais nada,
sou mesmo uma atarantada!... —

— Vai buscar terra, vai buscar palhinhas. —
comandei eu, lá de cima do avião, á desiludida andorinha.

Muito contente, ela foi em busca do que eu lhe pedia.

Tudo aquilo amassou com a sua saliva, tal qual eu a mandava fazer, e o ninho foi aparecendo, jeitosinho e lindo.

— Para os teus meninos, quando nascerem, gozarem mais comodidade, deves arranjar-lhes um colchãosinho de ervas e penas. — recomendei eu.

— Piu — piu, muito obrigadinho, p'la tua linda idéa, Anãosinho. —

Animada e activa, a andorinha trouxe no seu biquinho penas que esvoaçavam no telhado e tirou alguma penugem do seu próprio peito. Juntamente com ervas, assim armou um belo colchãosinho com que forrou o ninho dos futuros filhinhos.

Lá a deixei muito atarefada e segui, por ali fóra.

No muro duma estrada, deu-me na vista, uma cousa a remexer, a remexer...

Era uma senhora lagartixa que sofrera um desastre.

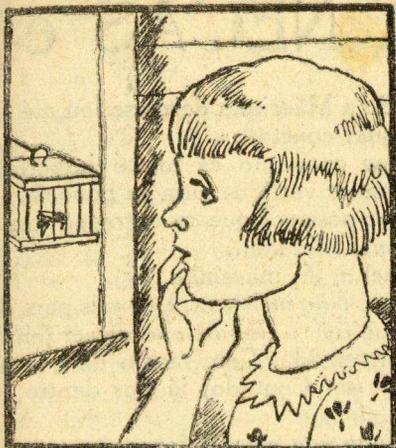
— Fiquei derrabada,
com uma pedrada,
acode Anãosinho,
põe-me o meu rabicho.

— Êsse não se pode tornar a pôr, mas não te amofines, porque outro te nascerá! — expliquei

(Continua na página 6)

MILAGRE DE NATAL

POR WANDA



MIMIZINHA E O GRILO

POR S. R.

MIMIZINHA tem um grilo numa gaiola: — «cri-cri... cri-cri... cri-cri... cri-cri-cri!...»

E gosta tanto daquilo dessa toada do grilo, a pequenina Mimi, que passa horas, ali, a contemplá-lo e a ouvi-lo:

— «Cri-cri... cri-cri... cri-cri-cri...!»

Assim que volta da escola, a pequenina Mimi deixa a boneca e a bola; vai para o pé da gaiola, ouvir o grilo: — «Cri-cri!...»

E a Mimi, ouvindo-o, ri, ri-se e toda se consola, de ouvido atento, a escutar: — «Ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih!...»

Parece o grilo a cantar!

≡ F I M ≡

Nélinha tinha quatro anos, pais que a adoravam e uma boneca grande que a encantava.

E nada mais era preciso para que Nélinha fôsse uma criança feliz.

Porém, num dia lindo de primavera, os pais foram dar um passeio de automóvel e nunca mais Nélinha os viu.

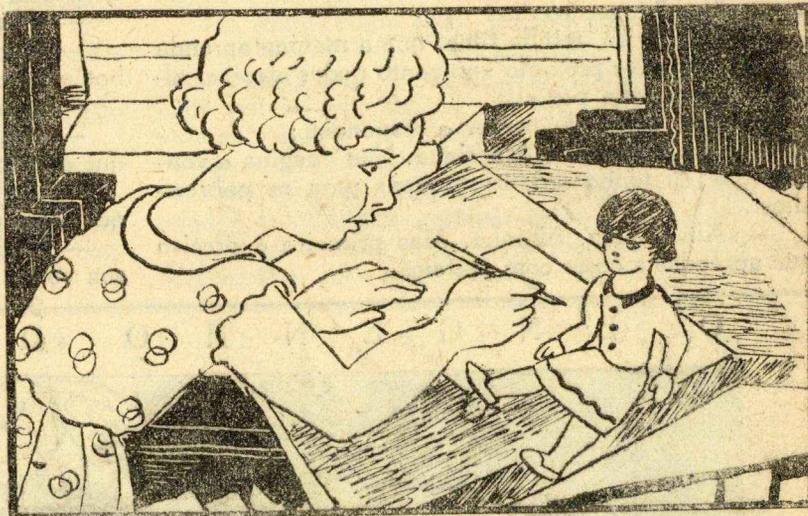
Joana, a velha criada da casa, vestiu-lhe um feio bibe preto e, ante a sua insistência em perguntar quando vinham os pais, respondeu que tinham ido para o céu onde estavam muito felizes e logo a pequenita perguntou: — «Então porque é que a Mãesinha não me levou? Se ela não vier tão depressa vou eu ter com ela...»

E o tempo passou... e a Mãesinha não voltava... e Nélinha era uma criança infeliz!

Déixou de perguntar pela Mãe e os seus risos não mais alegravam a casinha. Ficava-se sentada num canto da casa, com a boneca nos joelhos, absorta; dir-se-ia que na sua imaginaçõesinha amadurecia um plano. Em que cismaria Nélinha?

Era Natal! Esta palavra, que traduz todos os bens do mundo: corações alegres e bons, carinhos, festas, muitas luzes, brinquedos, guloseimas... árvore de Natal de alegrias e docuras... sabeis, acaso, o que para algumas almas significa?...

Vós, meninos que me lerdas, se tendes conforto e suave bem-estar nas vossas casinhas, pensai nas pobres crianças que tiritam de frio nesta noite, ouvindo as rajadas do vento fustigar as vidraças do seu lar, onde não há o calor que há nos vossos... Se tendes pais estremecidos, para quem vós sois o menino Jesus adorado, pensai naquêles que, embora num lar confortável, com brinquedos e doces... não têm o Amor de Mãe a aquecer-lhes o coração.



E Nélinha sente-se gelada... desamparada nesta noite de Natal!

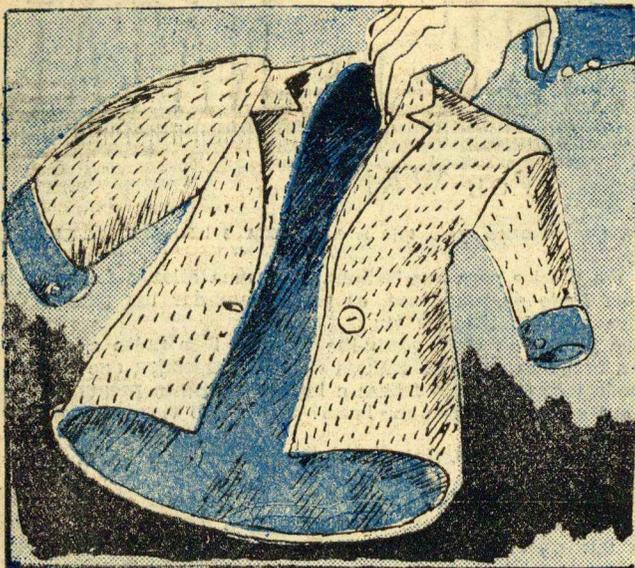
Está sózinha no seu quarto, e estendida no chão. Com um lápis vai traçando num papel umas garatujas que traduz em voz alta para a boneca — sua confidente dilecta — que está deitada a seu lado.

— «Nosso Senhor: A Joana disse que os meus paisinhos estavam no Céu, ao pé de ti, e que estavam muito bem, mas então porque não me mandaste ir também? Eu teria juízo; não faria arrelhar o menino Jesus; havia de brincar com ele com muito propósito. Assim, estou muito triste. A Joana anda rabugenta, parece que não tem dinheiro. Eu ando muito feia, já nem tenho laço no cabelo e a Néné traz o bibe sujo. Se precisares muito do Papá, mandame a Mãesinha porque a Nélinha assim não pode viver.»

E, muito compenetrada do êxito do seu plano, convencida de que Nosso Senhor havia de ler e compreender aquelas garatujas a que ela chamava carta, foi, de noite, às escondidas de Joana, pé-ante-pé e com o coraçõsito aos saltos, pô-la dentro do sapato para que o «Papá-Natal», quando descesse á chaminé para, como de costume, lhe deixar os brinquedos cobiçados, encontrasse a carta e a levasse para o Céu

Correu, depois, para a caminha sentindo na sua alminha uma tranquilidade, um apaziguamento há muito não sentido e, sorrindo a uma visão linda, adormeceu...

(Continua no próximo número)



MIMI, NECAS e LULU

— «Oh!... Se a Mãesinha deixasse, eu até era capaz de fazer qualquer coisita...»

— «Não. Por enquanto és muito imperfeita. Mas continua a fazer os vestidos para as bonecas e daqui a algum tempo é possível que te entregue um trabalho de mais responsabilidade...»

— Experimente já, mãesinha...»

— Não, filha. Não insistas... Lá mais para diante...»

A Mimi, que te... o feio defeito de ser teimosa, não se deu por convencida. Com receio de que a mãe se zangasse, calou-se. Contudo, lá por dentro, ficou na sua.

— «Mas é que vou mesmo fazer um casaquinho!... — pensava ela, enquanto se dirigia para o quarto dos brinquêdos, a juntar-se aos irmãos —. E no fim de contas, a mãezinha até vai ficar contente, quando o vir, todo liró, com botõezinhos dourados!...»

A tarde estava feia, chuvosa. Os pequenos, como não podiam brincar no quintal, entretinham-se a jogar o berlinde. A Mimi chegou-se a êles:

— «Quem quiere ajudar-me a preparar uma surpresa para a mãezinha?»

— «Quero eu!...»

— «Quero eu!...»

— «Então qual de vocês é o mais valente, capaz de ir tirar ao cêsto da costura um retalho de flanela?»

— «Para quê?» — interrogou Lúlú.

— «Para eu fazer um casaquinho todo liró, com botõezinhos dourados, para os pobrezinhos...»

— «Mas tu não sabes trabalhar bem!...»

— «Não sei?! Ora essa!... Porque é que tu dizes que eu não sei? Já me viste fazer algum?»

— «Eu não!... Mas tenho visto as belas porcarias que fazes para as tuas bonecas!...»

— «Pois sim!... — respondeu Mimi, dominando a sua cólera. — Mas é que eu para vestidos não tenho c...

DESTA vez a ideia foi da Mimi...

Todos os anos, por esta época, a mãe de Mimi, Necas e Lúlú costuma fazer uma larga distribuição de roupas a crianças pobres. Por isso há já alguns meses ela e a Miss trabalham activamente na confecção de casaquinhos, toucas, fraldas, camisolas, calções, etc.

Ora como a Mimi está quasi a completar os 7 anos a mãe disse-lhe noutro dia:

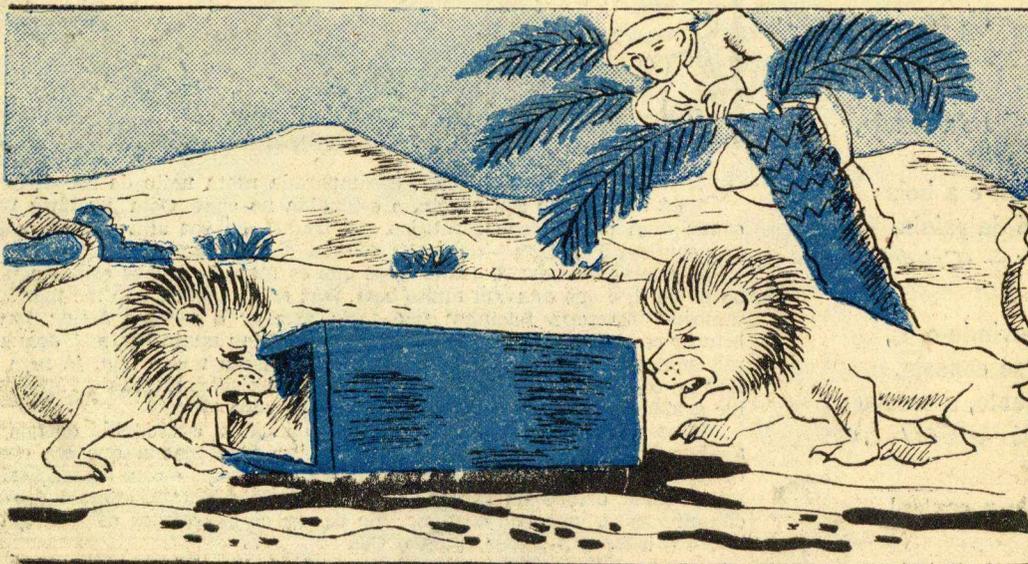
— «E' preciso, minha filha, que a menina aprenda a coser bem. No próximo ano conto poder oferecer alguma roupa feita por si.»

A Mimi corou de prazer e respondeu:

— «Quem me dêra, Mãesinha. Não imagina a vontade que eu tenho de fazer roupas para os pobrezinhos...»

— «Ainda bem, filhinha. Mas primeiro é preciso que aprendas a coser com perfeição...»

O E N G E N H O D E J E R E M I A



I — Além de caçador de feras, Jeremias era autor de engenhocas e invenções; das quais uma, engendrada há poucos dias, era uma caixa p'ra apanhar leões.

II — Caixote aberto com isca de carne a fim de que dessem a ca...

O CASACO PARA O POBREZINHO

Por LEONOR de CAMPOS



Era a mãe, que havia momentos os estava a observar da porta sem que eles tivessem dado por isso. Os três irmãos, com as bochechas a escaldar, nem se atreviam a levantar os olhos. E a Mãe continuou:

— «Mas por esta vez, como me convenço de que não tornarão a cair noutra, não lhes darei os açoites. Agora o castigo será exemplar:

Tu, Mimi, como além de teimosa e desobediente, foste a da *idéa*, trarás vestido, durante 3 dias, o lindo casaco que fizeste. E além disso, comprarás de sociedade com os teus irmãos, um outro retalho de flanela para substituir o que estragaram... Vá!... Não buscar os vossos mealheiros!...

Mimi, Necas e Lúlú, de orelha murcha e olhos marejados de lágrimas, apressaram-se a obedecer.

E julgo que não ficaram desejosos de voltar a fazer casacos *lirós* com *botõezinhos dourados*...

muito jeito. Num casaco é diferente... Os casacos são muito mais facéis de fazer. E depois, vocês também podem ajudar...

— «Bem! — assentou Lúlú. — Nêsse caso é possível que o casaco fique uma obra aceada.»

E voltando-se, para o Necas, ordenou:

— «Vai tu, então, buscar o retalho...»

— «Mas isso é roubar...» — disse o Necas, timidamente.

— «Qual roubar nem qual carapuça!... E' para uma obra de caridade...»

O Necas desta vez não teve que objectar e partiu a cumprir as ordens do irmão.

Entretanto a Mimi foi buscar o seu cestinho de costura.

Pouco depois os três irmãos instalavam-se para o trabalho. A Mimi cortou o casaco. O Necas encarregou-se duma das mangas. O Lúlú da outra. A Mimi do corpo. E passada uma hora, depois da Mimi ter pregado as mangas e tirado os alinhavos, surgiu o casaco, que era mesmo uma *perfeição*:

O decote á banda; um ombro largo, outro estreito; a manga esquerda, pequena e apertada; a direita, larga e comprida. A parte de trás, muito comprida. A da frente, excessivamente curta. Enfim, uma autentica desgraça, como os meus meninos poderão verificar pelo desenho junto, copiado do natural.

Os três pequenos, á vista do *monstro*, entreolharam-se, desolados. E o Necas murmurou:

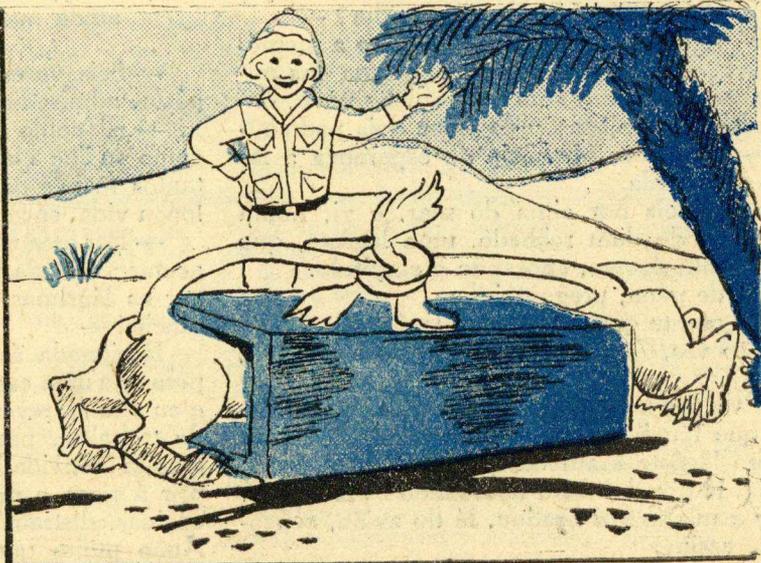
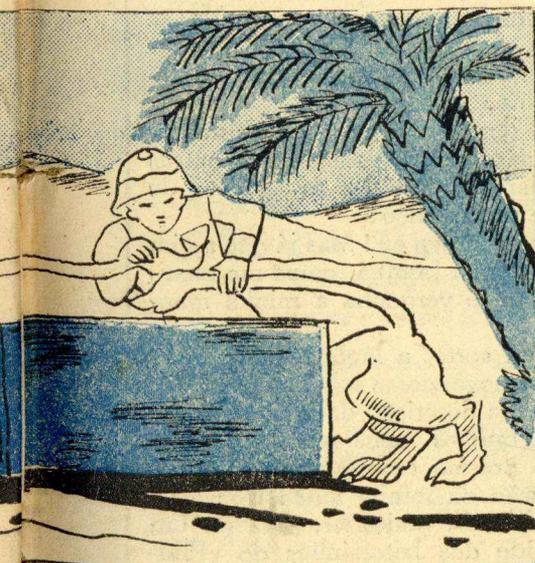
— «Ora esta!... Parece que isto não está lá muito bonito!...»

— «Pois não!... — concordou Lúlú.

— «E agora?» — interrogou Mimi.

— «Agora, — respondeu uma voz, que a todos fez sobressaltar — merecem um par de açoites e um bom castigo...»

A S C A C A D O R D E L E O E S



III — Dentre palmeiras, em ideal sossêgo, nosso herói caçador saltava, então; à cauda dos leões dava um nó cego e ficava-se a rir, todo pimpão

aos lados, tendo ao centro oculta mas cheirosa, leões, entrando dentro, em fúria apetitosa.

HISTORIA DUM BURRINHO

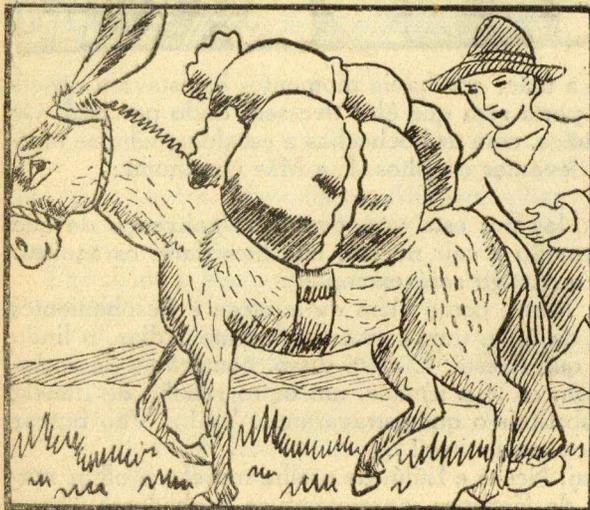
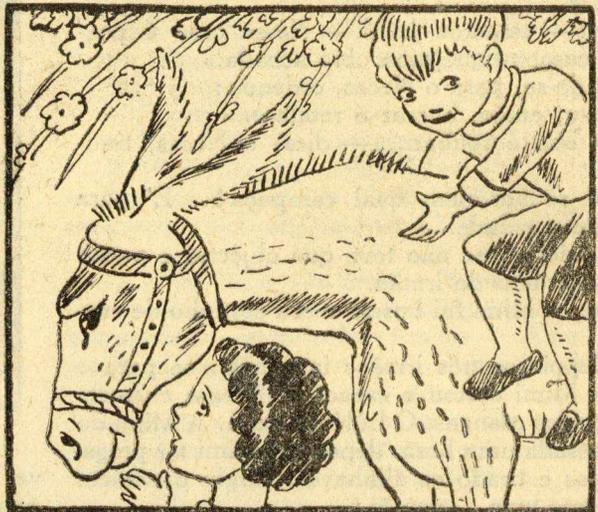
Por J. S. F.

Era uma vez um bonito burrinho que brincava com seu pai e sua mãe numa pradaria de Poiton, em França. Pertenciam a uma raça pouco vulgar.

Quando o animal chegou á idade de trabalhar, venderam-no por quatrocentos francos a um agricultor que, imediatamente, o mandou ferrar. Em seguida atrelou-o a uma charrua lado a lado com um cavalo, o que era de mais para as suas forças.

Como o animal não podia com o serviço, venderam-no por trezentos francos a um saltimbanco, o qual o ensinou a comer á meza com um guardanapo ao pescoço e a dansar sobre as patas trazeiras, ao som dum clarinete.

Um dia, um preguiçoso pediu ao saltimbanco para lhe ceder o burro a-fim-dê-le ganhar a vida. Mas como não sabia fazer ao burro os sinais necessários, este não realisava



nenhuma habilidade e o público ria a bom rir do homem que não conhecia o seu officio.

Furioso da sua ignorância, o preguiçoso vingava-se cruelmente sobre o pobre jumento que, aliás, não tinha a mais pequena culpa do insuccesso.

Por fim, vendeu o burro por duzentos francos a um homem de Montmorency, que alugava desses animais para passeio.

Muitos maus cavaleiros maltratavam o jumento, não obstante este se vingar mordendo-os e atirando-os a terra.

Tornando-se assim perigoso, venderam-no por cem francos a um moleiro muito mau. Fazia-o carregár sacos de farinha bastante pesados e, muitas vezes, agravava o

(Continua na pagina 7)

OS AFAZERES DO ANÃO SABICHÃO (Continuado da pagina 2)

eu. — Já não te lembrás, que o mesmo tem succedido a várias lagartixas da tua família? —

— E' verdade, amigo Anão! Tenho a memória fraca!... Ainda há pouco tempo uma das minhas primas appareceu com um rabicho novo, depois do antigo lhe ter ficado entre dois pedregulhos? — exclamou, já, cheia de esperança a lagartixa derrabada.

Segui depois por cima do mar, e vi, numa pôça, ao fundo dum rochedo, uma lagôsta, que parecia muito doente, chorando e carpindo.

Cheio de pêne, perguntei-lhe:

— De que te queixas, amiga lagôsta?

— Não vês, Anãosinho, que estou a largar a casca?

Que vai ser de mim, sem a linda couraça brilhante que tão bem me vestia! — e as lágrimas do pobre lagôsta eram tantas que a pôça, onde ella vivia, já transbordava inundando os rochedos.

Mas a minha voz bradou, lá do avião, consolando-a, assim:

— Hás-de ter outros revêzes, se te deixarem viver,

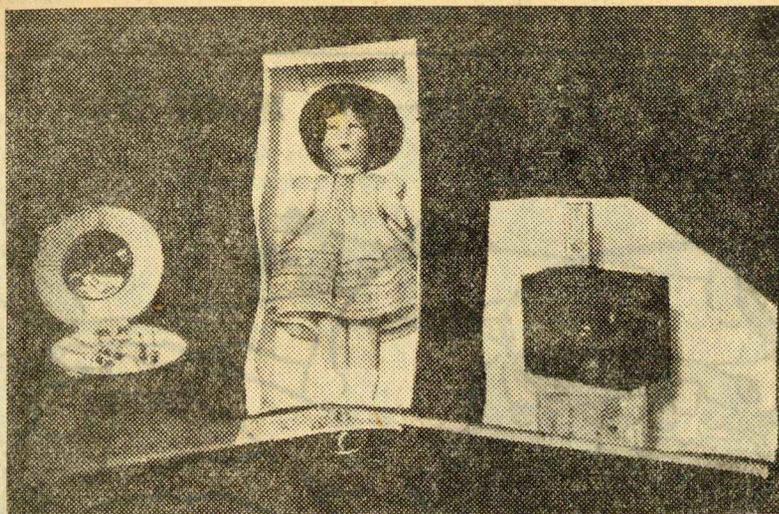
isso te há-de acontecer, ainda mais umas seis vezes! —

— Seis vezes, Anãosinho! — exclamou a lagôsta, admiradissima.

— E' como te digo! Seis vestidos couraças, como tu lhe chamás, te hão-de nascer e outros tantos te hão-de largar! A tôdas as lagôstas de longa vida, succede tal precalço! —

— Por essa não esperava eu! Mas já que assim acontece a toda a minha família, deixa-me enxugar as lágrimas. Até é vergonha a minha ignorância! —

Resignada á sua sorte, a lagôsta ficou á espera que uma casca nova viesse substituir a velha, e eu vim escrever esta descripção da minha manhã de trabalho, para que os meus meninos vejam quanta actividade preciso empregar, para cumprir á risca a missão da minha vida! Consolar, ensinar, distraír, divertir, muito rir, para ser um Anão muito querido dos leitrosinhos do «Pim-Pam-Pum».



CONCURSO EPISTOLAR

ORGANIZADO POR GRACIETTE BRANCO

QUERIDOS afilhados: — Publicando, hoje, as cartas premiadas no nosso Concurso epistolar, felicitamos todos os pequeninos concorrentes, incluindo mesmo os que não foram, sequer, classificados mas provaram boa vontade e se esmeraram o mais que puderam, pois todos manifestaram muitas qualidades que, em futuros concursos, poderão conseguir primeiros prémios ou altas classificações.

No próximo número publicaremos os retratos dos signatários das cartinhas abaixo publicadas e a lista dos restantes concorrentes que obtiveram classificação digna de especial referência. Não o fazemos já hoje por falta de tempo e de espaço.

1.ª IDADE

Lisboa, 1/12/1934.

Minha boa Madrinha e Amiguinha Graciette.

Primeiro que tudo, quero felicitá-la por esta feliz ideia.

Não fui uma das primeiras a escrever-lhe mas parece-me que não serei das ultimas.

Uma das grandes alegrias que tive foi os anos do meu bom Paisinho pois gosto muito dele. Foi um dia em que brinquei muito. Também gosto muito da minha Mãesinha e, quando ela faz anos, ando sempre muito satisfeita.

Durante o dia estudo as minhas lições e depois ajudo a fazer a lição da casa á minha boa Mãesinha.

Faço, também, malha, leio o «Pim-

Pam-Pum» e, agora, ando a ler um livro que se chama «A Mariázinha em África», que é muito bonito.

E por hoje nada mais tenho a dizer-lhe.

Acete muitos beijinhos da sua querida afilhada e amiguinha, *Antónia Josete dos Santos Guimarães*

Tenho 9 anos e moro na Rua Antonia Andrade, 7, 2.º Dto, Lisboa.

Minha boa Amiguinha

Sou do Estreito e tenho vivido com o meu padrinho em Coimbra. Desde as férias grandes que estou na companhia de meus pais e junto deles continuarei por muito tempo, pois querem que antes que volte para Coimbra faça exame de instrução primária. Tenho oito anos e já frequento a 3.ª classe. Gosto de aprender e disse o meu professor que aproveito bem o tempo. Quero estudar com cuidado para que possa mudar de classe no fim do ano. Aqui, no Estreito, a escola é muito bonita, toda branquinha por dentro e por fora e com muita luz. Gosto de ir á escola onde aprendo coisas bonitas e uteis. Também gosto de lhe escrever para me habilitar ao prémio que a minha amiguinha oferecerá áquele que mandar ao «Pim-Pam-Pum» a carta mais bem feita.

Uma espingarda, que bom!
Seu amiguinho muito dedicado, *Chiquito Mendes Ribeiro—Oleiros, Estreito,*

Minha querida Madrinha,

Aceteo do convite, mas não se ria da minha gramática, nem dos meus gatafunhos. Cartas, so sei escrever as que a Maria, a criada, me pede para as enviar á Mãe, que é da provincia.

Não admira. Faço 11 anos para o mês que vem. Não digo o dia para não incomodar a madrinha a mandar-me para-

bens. Se não fôsse isso, não me importava dizer-lhe que os faço no dia dezi!

Tenho exame de instrução primária; sou aluna do *Colégio Feminino Francês*, do Salitre, onde também aprendo ginástica.

Os padrinhos que me educam, são quasi pobres, por isso a praía que frequento é Pedrouços, um dia sim, um dia não. Tomo os banhos numa jangada onde há mestre de natação. Divirto-me bastante, porque gosto muito de nadar.

Mas que tem a Madrinha com isso? É falta de assunto. Se lhe digo que amo os seus versos, que sei alguns de cor, que a Madrinha é a Mãesinha das crianças, que a estimo, poetisa talentosa; a Madrinha dirá que lhe estou a dar manteiga, para apanhar o prémio maior.

Nem por sombras! O que eu gosto é de brincar, até mesmo a escrever, e crevo como falo, por ser isso o que mais convem ao estilo epistolar, segundo me afirma senhor muito ilustrado que vem cá a casa. Senhoras instruidas, são quem mais correctamente escrevem cartas, pois escrevem como falam. Palavras dele e não minhas.

Eu cá entendo que uma carta bem feita deve ter dentro uma ideia, e eu tenho uma ideia a favor das Florinhas da Rua. Mas fica para outra vez.

Não devo maçar mais a Madrinha e são horas de eu ir á lição de piano.

Em resumo: — as macadas estão proibidas, e Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Beija-lhe a mão a sua afilhada que muito lhe queze e a admira, *Senerina Mendes Filipe, Av. da Liberdade, 190 c/d.*

Lisboa, Novembro de 1934.

Minha querida Madrinha Graciette

Orla aqui me tem, em pensamento, ajoelhado aos seus pés e a beijar-lhe a sua mão direita, que deve ser branca e leve, como era a mão da Rainha Santa — aquela mão que transformava as rosas em dinheiro e o dinheiro em rosas — quando contemplava os pobrezinhos, que a ela se dirigiam.

Pois eu também sou pobrezinho, porque já não tenho Mãe, e a minha maior ambição actual era ser fotografo.

Se, pois, a minha querida Madrinha pudesse fazer o lindo milagre de transformar o «Pim-Pam-Pum», que eu leio com satisfação, num máquina fotografica, e ma entregasse pelo Natal, como outr'ora a Rainha Santa entregava rosas aos pobrezinhos, para lhes matar a fome, eu prometo que iria em grata peregrinação até Lisboa, para lhe tirar o retrato, com a mesma máquina que eu recebesse. Esse retrato viria comigo, junto do meu peito; e aqui seria colocado num oratório, onde se encontra a santa da minha maior veneração: — minha Mãe! Eu rezaria todos os dias uma sentida oração de afectos e gratidão, em louvor de quem converteu em realidade os meus sonhos dourados, de há muito tempo.

Pois sim, minha Madrinha?
E não me viessem depois dizer que os milagres são lendas...

Do seu afilhado *M.º a.º e esperancado Afonso Antunes de Castro* (com 14 anos e meio e exame da 4.ª classe), S. João do Campo, 14 de Novembro de 1934.

HISTÓRIA DUM BURRINHO

(Continuação da pagina 6)

pêso montando sobre o animal ao mesmo tempo que fumava no seu cachimbo.

Certa vez o pobre burro caiu sobre a carga e o mau homem deu-lhe ainda com um pau, apesar do animal não poder levantar-se.

Nêsse momento passou um músico ambulante conduzindo toda a sua família num carrinho. Dirigiu-se ao moleiro e gritou-lhe:

— Como permite teu coração bater assim no pobre jumento prestes a sucumbir? Tirai-lhe a carga quanto antes para o aliviar. —

Uma vez desembaraçado dos sacos, o animal levantou-se. Vendo assim o moleiro o estado esquelético em que o

bicho se encontrava, resolveu-se a vendê-lo ao músico por vinte e cinco francos.

O músico cuidou do jumento, fazendo-o recuperar a saúde e a força.

Poude assim atrelá-lo ao carrinho, trabalho pouco fatigante. Bem tratado e estimado, o antigo burrinho que brincava na pradaria de Pointon, tornou-se bom e manso, deixando-se acariciar pelas crianças, permitindo-lhes o montassem para passearem e divertirem-se.

Ao vê-lo com tão boa aparência todos os que tinham maltratado o nosso jumento, compreenderam quanto foram estúpidos e quizeram readquiri-lo.

— Imbecis! — replicou o músico ao saltimbanco, ao preguiçoso, ao agricultor e ao moleiro — enquanto vocês maltratam os animais, eu faço deles amigos.

Guardai o vosso dinheiro que eu guardo o meu burro. —

OS REIS MAGOS

CONSTRUÇÃO

PARA ARMAR

Recortar e colar
em cartolina
deixando no fundo
de cada desenho
um espaço
para dobrar
a-fim de
se
poder
pôr
de pé
a cons-
tru-
ção

